

# O INFINITIVO FLEXIONADO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ESPANHOL COMO L2

**Egisvanda Isys de Almeida Sandes de Lima\***

*Resumo:* O objetivo deste trabalho é, por meio da Análise Contrastiva, examinar como se dá o processo de transformação da estrutura verbal que corresponde ao infinitivo flexionado do português para a estrutura correspondente em espanhol, pelo aprendiz de língua espanhola como segunda língua que tem como língua materna o português, principalmente durante os primeiros estágios do processo de aquisição/aprendizagem de espanhol com segunda língua (L2) e que, muitas vezes, se estende a estágios mais avançados.

*Palavras-chave:* língua espanhola; aquisição e aprendizagem; Análise Contrastiva; espanhol como segunda língua (L2); infinitivo flexionado; subjuntivo.

Quando observamos a aquisição/aprendizagem do espanhol como segunda língua (L2) por alunos que têm o português como língua materna (LM), deparamos com uma série de dificuldades que aparecem em todos os níveis de uma língua: fonético/fonológico, morfológico, lexical, sintático e transfrástico.

No entanto, algumas dessas dificuldades nos chamam mais a atenção do que outras por sua recorrência, tanto em estágios iniciais da aquisição/aprendizagem da língua espanhola quanto nos mais avançados.

Observamos, por exemplo, algumas frases proferidas por falantes da língua portuguesa, com um conhecimento heterogêneo da língua espanhola (L2), ou seja, alguns com conhecimento mais amplo que outros:

1. *Pero antes de **conjugarmos** los verbos vamos a ver las personas...*
2. *Al **encontrarmos** los niños, podremos hablar de lo ocurrido.*
3. *Él estudia inglés para no le **enganaren** en los negocios.*

\* Professora de Língua Espanhola da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora de cursos de extensão

universitária da Universidade de São Paulo e mestranda em Língua Espanhola na mesma Universidade.

4. *Los profesores dicen estas cosas para **estudiarnos** más sus disciplinas.*
5. *Para **hablarnos** de la situación a los responsables, es necesario mucha descripción.*

Nessas frases podemos perceber a presença de um elemento comum relacionado à conjugação verbal, como destacamos. Em todos os períodos, os alunos flexionaram o infinitivo, característica que, como assinala Maurer Júnior (1968, p.1) em um estudo feito sobre o infinitivo flexionado do português, “é uma notável peculiaridade do português entre as línguas da família românica”, já que “constitui um dos elementos mais espontâneos e vivazes da sua morfologia”.

No entanto, para analisarmos melhor o modo verbal infinitivo nos exemplos citados, faremos, antes, um breve estudo contrastivo entre tais usos na língua portuguesa e na espanhola.

## **O INFINITIVO ESPANHOL E PORTUGUÊS**

Tanto em português quanto em espanhol, o infinitivo pode ser definido como uma das formas impessoais do verbo, porque não se refere a nenhuma pessoa gramatical na frase ou porque o utilizamos como menção (metalinguisticamente). Mas, em ambas as línguas, esse não é o seu único emprego.

Quanto ao uso do infinitivo em espanhol, Matte Bon (1999, t.1, p.75) diz:

*El infinitivo se usa para remitir directamente a la noción verbal, a la idea semántica evocada por el verbo. El infinitivo es la forma verbal más neutra de la que dispone el enunciador en español. Cada vez que lo emplea, el enunciador sólo quiere remitir a la noción verbal poniéndola en relación con cierto sujeto y/o cierto complemento, sin que dicha noción verbal se transforme en información, y sin que remita más allá de la lengua, a lo extralingüístico. Esta propiedad de no informar, y de no remitir a lo extralingüístico que tiene el infinitivo, lo pone en un nivel bastante próximo al del subjuntivo, del que algunos autores han dicho, precisamente, que no era más que un “infinitivo conjugado”.*

Justamente por essa falta de formas pessoais, o infinitivo espanhol não nos permite identificar o sujeito ao qual se refere; assim, ele aparece inserido numa frase que faz parte de outra, ou formando uma perífrase verbal juntamente com outros verbos conjugados, ou ligados a uma preposição ou conjunção.

Por essa relação de dependência, semanticamente o infinitivo espanhol não tem uma função verbal propriamente dita. Suas funções coincidem com as de um substantivo, ou seja, podemos ler *necesito descansar* como *necesito descanso*, possuindo as mesmas funções dessa classe gramatical: sujeito (*Beber agua es muy sano*), complemento (*Quiero comer carne/ trató de explicarlo*), adjunção (*Es un problema fácil de resolver*) e complemento adverbial (*Se lo advertieron antes de empezar*).

Assim sendo, é importante destacar que no espanhol o infinitivo cumpre mais o papel de substantivo do que de verbo, enquanto no português o infinitivo pode ter tanto a função de substantivo quanto a de verbo.

Na língua portuguesa, o infinitivo é dividido em duas classes: o *infinitivo impessoal*, que tem praticamente as mesmas funções do espanhol, ou seja, é o nome do verbo propriamente dito, sem possibilidade de conjugação (amar, viver, sair) e o *infinitivo pessoal* ou *flexionado*, ou ainda *conjugado*, o qual é ligado diretamente às pessoas do discurso e, com exceção das primeiras e terceiras pessoas do singular, as demais pessoas apresentam flexão que indica número e pessoa. Assim temos: falarØ (eu), falares (tu), falarØ (ele), falarmos (nós), falardes (vós) e falarem (eles).

Para o uso de ambos infinitivos em língua portuguesa há regras, mas em nosso caso interessam-nos as regras relacionadas ao emprego do *infinitivo flexionado*. Entretanto, citaremos algumas que nos interessam mais para a análise de alguns usos feitos na transposição da língua espanhola. Vale esclarecer que não há normas rígidas que regem o emprego do infinitivo flexionado,<sup>1</sup> mas sim uma convenção em situações como:

1. quando o infinitivo tem sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal: *José pensa estarmos no México; Eles saíram sem termos notado;*
2. quando o infinitivo tem o sujeito no plural e vem no início da frase, com uma preposição ou não, em orações subordinadas: *Para não morrermos de fome, trabalhamos; Por terem feito isso, agora estão sofrendo; A fim de nos ajudarem, chegam esses rapazes; Ganharmos o pão para nossa família é nossa obrigação; Apesar de estares com gripe, não tens febre;*
3. após a combinação da preposição *a* + o artigo *o*, com valor temporal: *Ao contarmos a história, seremos imediatamente reconhecidos como heróis; Ao chegarmos, devemos todos seguir por este corredor;*
4. quando o sujeito do infinitivo é indeterminado ou paciente: *Tenho que agir assim para me promoverem; Lutamos bastante a fim de se fixarem as normas; Faço isso para não me julgarem injusto.*

Após essas considerações, é possível perceber que a inexistência do *infinitivo flexionado* na língua espanhola acarreta dificuldades para o aluno falante do português e aprendiz do espanhol como L2, assim como a existência dessa forma idiomática na língua portuguesa gera muitas possibilidades ao aluno falante de português num estágio de *interlíngua*, como podemos notar nas frases já citadas.

## OS ENUNCIADOS

1. *Pero antes de **conjugarmos** los verbos vamos a ver las personas...*
2. *Al **encontrarmos** los niños, podremos hablar de lo ocurrido.*
3. *Él estudia inglés para no le **enganaren** en los negocios.*
4. *Los profesores dicen estas cosas para **estudiarmos** más sus disciplinas.*

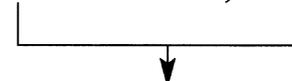
<sup>1</sup> Cunha (1985, p.474) discute que por vários motivos tendências que se observam no emprego de uma e de outra "parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de forma do infinitivo".

5. Para **hablarmos** de la situación a los responsables, es necesario mucha descripción.

Nesses enunciados podemos detectar alguns casos representativos do problema que traz a forma flexionada do infinitivo ao aluno aprendiz do espanhol como L2.

Em 1, observamos a transposição da regra da LM para L2. Na língua portuguesa, como vimos, quando a frase tem sujeito próprio ou claramente expresso, usa-se o infinitivo flexionado. Assim teríamos:

*Mas, antes de conjugar**mos** os verbos, vamos ver as pessoas...*



*Indica o mesmo sujeito: nós*

Verifica-se a mesma ocorrência na frase 5, mas neste caso é necessária a flexão para sabermos quem é o sujeito. É o que se observa em:

*Para falar**mos** da situação aos responsáveis, é necessário muita discrição.*



Determina quem é a pessoa do discurso

Em espanhol, para essa construção utilizaríamos o presente do subjuntivo e teríamos:

1. *Pero antes que conjug**emos** los verbos vamos a ver las personas...*

5. *Para que hab**lemos** de la situación a los responsables, es necesario mucha descripción.*<sup>2</sup>

Quando o aluno aprendiz do espanhol como L2, ao se expressar em L2, não conhece claramente as regras da língua objeto, busca uma estrutura que já conhece, em geral da língua materna, como apoio para compensar tal falta. Isso leva esse aluno a produzir enunciados como os que estamos observando, nos quais fica evidente o erro que causa estranhamento a um *experto* da língua espanhola.

Voltando à frase 1, ainda entra em jogo a adversidade expressa pela conjunção “*pero*” que já indica uma dependência a uma outra frase e uma ação posterior: *Es necesario ver las personas antes de conjugar los verbos*. Em espanhol, o subjuntivo está integrado por formas verbais de subordinação,<sup>3</sup> embora mude, às vezes, de acordo com o contexto. Não obstante, podemos afirmar isso porque na frase analisada há a presença de elementos indicadores dessa subordinação, ou seja, *ver las personas, aclara la conjugación verbal*.

<sup>2</sup> Essas duas frases poderiam ser construídas com o verbo no infinitivo: “*Pero antes de conjugar los verbos vamos a ver las personas*” e “*para hablar de la situación a los responsables, es necesario mucha descripción*”. No entanto, usamos o subjuntivo por causa do tema que está sendo analisado no trabalho.

<sup>3</sup> Como destaca Porto Dapena (1991, p.29), dizer que o subjuntivo é o modo da irrealidade e o modo da subordinação em relação ao indicativo é uma interpretação equivocada sem que se leve em consideração o contexto ao qual está inserido o uso do subjuntivo.

Na frase 4, aparece mais uma vez o uso do *para + infinitivo*.

No espanhol, o uso do *para + infinitivo* tem a função de esclarecer o que se diz utilizando, ou remetendo a, uma parte do enunciado que já foi dita, corrigindo e contrastando informações. No entanto, em português, voltamos ao mesmo caso do sujeito distinto do sujeito da oração principal, e a flexão ajuda a identificá-lo. No espanhol, essa relação é resolvida com o subjuntivo:

*Los profesores dicen estas cosas para que estudiemos más sus disciplinas.*

Nesse caso, o uso do *para que* tem um valor final na frase em espanhol, assim como o *para* tem a mesma função em português:

*Os professores dizem estas coisas para estudarmos mais suas disciplinas.*

Em espanhol usa-se *para + infinitivo* (*Me compré un coche para hacer un largo viaje por el país*), o que acontece também no português, mas quando há dois sujeitos no enunciado, em espanhol usa-se *para que + subjuntivo* (*Te compré un coche para que lo usaras y no para que lo dejaras en la calle*); esse caso é resolvido no português com o uso da flexão do infinitivo, como vimos nas frases acima. Por causa disso, muitas vezes o aluno que tem o português como LM faz esse tipo de construção também na L2.

Assim podemos usar as mesmas considerações para 3, 4 e 5:

3. *Él estudia **para que** no le engañen en los negocios.*
4. *Los profesores dicen estas cosas **para que** estudiemos más sus disciplinas.*
5. ***Para que** hablemos de la situación a los responsables, es necesario mucha descripción.*

Em 2 temos o caso da preposição *ao + infinitivo*, o qual também já foi citado anteriormente. Em português, quando esse uso equivale a uma oração temporal, a flexão do verbo é facultativa; mas há uma tendência para flexioná-lo, o que facilita a identificação do sujeito que expressa a ação. Assim, quando dizemos:

*Ao encontrarmos os meninos, poderemos falar do que aconteceu.*

sabemos, pela flexão, que o sujeito da frase é *nós*, e não outra pessoa do verbo. Em espanhol, os verbos permanecem no infinitivo sempre. Ou seja:

*Al encontrar a los niños, podremos hablar de lo ocurrido.*

E o que faz o aluno falante do português quando se utiliza da flexão na língua espanhola? Muitas vezes, utiliza-se da *transferência* como estratégia de aprendizagem da L2, o que pode ser interpretado sob dois aspectos:

- a) transferência lingüística: o aluno se utiliza das estruturas da LM já

adquiridas para expressar-se na L2 como se elas pertencessem às regras da língua objeto, mantendo-se, assim, no estágio da interlíngua;  
 b) erro: por falta de conhecimento sobre determinada estrutura da L2, o aluno serve-se de dados de sua LM para expressar-se na L2.

Em ambos os aspectos, destaca-se a questão da fossilização, que também pode ser percebida em estágios mais avançados do aprendizado da L2, quando o aluno tende a manter em seu discurso certos elementos que são característicos de sua LM.

Para a análise dos termos e aspectos ligados à interlíngua, à transferência, ao erro e à fossilização, valemo-nos de muitos conceitos e estudos já feitos que destacam uma série de pontos referentes a esses termos e relacionados à aquisição/aprendizagem de uma L2 que também interessam ao nosso trabalho. Dentre eles, ressaltamos:

1. algumas hipóteses da Análise Contrastiva, mas não as identificando de maneira única, com uma interpretação/visão, mas levando em consideração todos os elementos que permeiam a aquisição/aprendizagem de uma L2;
2. o estudante de uma língua estrangeira tende a comparar as regras da LM com as regras de L2 e, muitas vezes, usa como estratégia de aprendizagem a *transferência*;
3. “erros” no início da aquisição/aprendizagem, que muitas vezes parecem extintos, reaparecem em etapas posteriores da vida de um falante de espanhol como L2;
4. o estágio de *interlíngua*.

Numa situação de comunicação, entra em jogo um conhecimento de mundo ou, em um caso mais específico, um conhecimento lingüístico que o falante possui: o tipo de entonação a ser usada, as estruturas, as formas, as palavras etc.

Isso quer dizer que o falante deve ter um “parâmetro” ou um “paradigma”, ou seja, um conhecimento armazenado que será posto em evidência de acordo com a sua necessidade.

Assim sendo, diante de uma construção nunca ouvida ou armazenada, o falante procura semelhança nas construções/enunciados já conhecidos. Esse procedimento é descrito por Marta Baralo (1999, p.10) como uma seqüência que diz respeito a “*una etapa más en el proceso de producir un enunciado, una vez que hemos [os falantes] eligido las palabras, las tenemos que combinar en un determinado orden y basándonos en determinadas reglas sintáticas*”.

Assim, dentro de todo embasamento teórico observado acima, podem-se analisar os fatos ligados ao uso do infinitivo do português e do espanhol, levando em consideração as questões relacionadas à aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira, assim como o aspecto funcional de uma gramática, sob os olhos da Análise Contrastiva.

No entanto, alguns aspectos são mais importantes e estão relacionados ao uso do infinitivo flexionado que parecem causar maior dificuldade ao aprendiz de língua espanhola como L2.

Em língua portuguesa, o uso mais comum do infinitivo flexionado é aquele relacionado à distinção entre o sujeito das orações que formam o enunciado. Nesse caso, a flexão do infinitivo tem um papel de “clarear” ou dar “ênfase” ao sujeito responsável por determinada ação na frase (*Eles procuram uns livros para lermos; eu vi os cavalos correrem, João propôs entrarmos naquela casa; Caxias morreu antes de os marroquinos invadirem o Brasil*). Quando o estudante de espanhol como L2 leva essa regra à língua espanhola incorre no “erro” porque não utiliza a regra da língua-alvo para as construções das frases citadas. Por isso, percebemos uma frequência de “erros” em estruturas em que aparecem:

- a) A construção de uma frase de valor final, que em português é formada com a preposição *para* + *infinitivo flexionado*, diferente da utilização na língua espanhola, a qual utiliza *para* para estas construções também a preposição *para*, mais ainda a partícula *que*, o que resulta em uma construção de *para que* + *subjuntivo*: *Él estudia para no le enganaren* em vez de *Él estudia para que no le enganen*; *Los profesores dicen estas cosas para estudiarmos más sus disciplinas* em vez de *Los profesores dicen estas cosas para que estudiemos más sus disciplinas*; *Ellos buscaban unos libros para leerlos* em vez de *ellos buscaban algunos libros para que leyésemos*.
- b) A frequência de “erros” que aparece também em estruturas subordinadas introduzidas pelo complementizador<sup>4</sup> *que* em espanhol e que em português são formadas com o infinitivo flexionado. Assim, em frases como *João propôs entrarmos naquela casa*, o estudante de espanhol como L2 constrói uma estrutura como *João propuso entrarmos en aquella casa* em vez de *João propuso que entrásemos en aquella casa*.
- c) Um outro aspecto muito interessante e muito recorrente que provoca “erros” durante a construção do enunciado em língua espanhola está relacionado com a formação de estruturas nas quais aparecem preposição + verbo no infinitivo flexionado em português. Observando frases como *ao encontrarmos os meninos, por estarmos felizes, sem especificarmos os donos*, deparamos com a formação de estruturas semelhantes em espanhol causando o “erro”: *Al encontrarmos los niños* em vez de simplesmente *al encontrar a los niños*; *Por estarmos felices* em vez de simplesmente *por estar felices* e *Sin especificarmos los dueños* em lugar de somente *sin especificar los dueños*.

Essas são apenas algumas das observações recorrentes no processo de aquisição/aprendizagem de espanhol como segunda língua (L2). A intenção deste trabalho não é, portanto, esgotar o tema por meio de uma análise minuciosa das ocorrências, o que será feito em um trabalho futuro mais detalhado, no qual serão analisados todos os aspectos envolvidos no processo.

4 Termo usado por Perini (1977) para designar a partícula *que*, como também o *infinitivo* como introdutores da oração subordinada, transformando-a em um complemento. Assim, quando há a introdução em *que*, o verbo permanece em um

tempo finito (do subjuntivo ou indicativo). No caso de *infinitivo*, o verbo permanece invariável e descarta a presença do complementizador.

## Referências bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española, 1995. (Colección Nebrija Y Bello, Espalsa Calpe)
- BARALO, M. La adquisición del español como lengua extranjera. *Cuadernos de Didáctica del Español E/LE (Madrid)*, Arco/Libros, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 35.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1994.
- BOTELHO PEREIRA, M. A., RONCARATI, C. N. O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por “Para” no português do Rio. *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v.9, n.1, p.15-30, 1993.
- CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERNÁNDEZ, S. *Interlengua y análisis de errores: en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.
- GONZÁLEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? – O gato comeu*. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. São Paulo, 1994. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- KOVACCI, O. Notas sobre la sintaxis actual del español de Buenos Aires. *Boletín de la Academia Argentina de Letras*, t.LIX, n.233/4, p.393-410, julio-diciembre, 1994.
- LARSEN-FREEMAN, D., LONG, M. H. *Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas*. Madrid: Gredos, 1994.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español: de la idea a la lengua*. Madrid: Edelsa, 1999. t.I e II.
- MAURER JÚNIOR, T. H. *O infinitivo flexionado português: estudo histórico descritivo*. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1968.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Gramática do infinitivo português*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977. (Coleção Perspectivas Lingüísticas, 16)
- PORTO DAPENA, J. A. *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros, 1991.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- SANTOS GARGALLO, I. *Análisis Contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Madrid: Editorial Síntesis, 1993. (Colección Lingüística)
- SILVA, M. C. F. *A posição Sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, Editora Unicamp, 1996.
- VÁZQUEZ, G. *¿Errores? ¡Sin Falta!* Madrid, Edelsa, 1998.

Abstract: This essay aims through a Contrastive Analysis to exam how the transformation of the verbal structure with correspond to the Infinitive Inflected in portuguese by the same structure in Spanish, process works by the Spanish as a Second Language Learner, mainly during the acquisition/learning process levels of Spanish as a Second Language and how many times it extends to more advanced levels.

Keywords: Spanish; acquisition and learning; Contrastive Analysis; Spanish with second language; infinitive inflected; subjunctive.